

## O VIAJANTE SUECO GUSTAVO BEYER

Alberto LOEFGREN

Os senhores consórcios que receberam a Revista do Instituto do ano passado<sup>31</sup>, de certo já tomaram conhecimento do pequeno trabalho do viajante sueco que se assina simplesmente Gustavo Beyer. Sabem igualmente que o Instituto deve este trabalho a S. M. o rei Oscar da Suécia, que o ofereceu por nosso intermédio. Naquela ocasião, porém, ainda nada sabíamos sobre a individualidade do sr. Beyer e, querendo incluir na tradução algumas palavras a esse respeito, dirigi-me ao ilustrado dr. Dahlgren, bibliotecário-chefe da Biblioteca Real, pedindo o favor de fazer as pesquisas necessárias a respeito da vida e da posição que ocupava o sr. Beyer.

Devido a muitos trabalhos e ocupações por parte do dr. Dahlgren, a resposta dele tem-se demorado e somente agora a recebi, apressando-me a apresentar ao Instituto o que foi averiguado sobre o viajante sueco.

Como é natural, o trabalho do dr. Beyer tem despertado certa curiosidade no Brasil e vários dos nossos distintos estudiosos têm procurado adivinhar qual terá sido o motivo que trouxe o sr. Beyer para o Brasil e qual podia ser a verdadeira posição social daquele homem que na sua obra nada absolutamente deixa transparecer sobre a sua própria individualidade.

O primeiro a ocupar-se deste viajante e do seu trabalho foi o ilustrado diretor da Biblioteca Nacional, o dr. Vieira Fazenda que, em uns artigos publicados no jornal "A Notícia", do Rio de Janeiro, em novembro do ano p.p., nada adianta e apenas apela para a opinião dos drs. Derby, Branner, Oliveira Lima e Alfredo de Carvalho, sobre o mesmo sr. Beyer que, todavia, designa como ilustrado e educado.

Respondendo ao apelo apresentou-se o dr. Oliveira Lima que, em dois artigos publicados no jornal "O Estado de S. Paulo", em dezembro

(31) Refere-se o autor ao volume XII da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, correspondente ao ano de 1907, mas publicado no ano seguinte (1908) e no qual se insere o texto integral do relato de Beyer.

do mesmo ano, procurou elucidar a questão.<sup>32</sup> Passando em silêncio o primeiro artigo que todos conhecemos, no segundo o provector dr. Oliveira Lima já descobriu que Beyer tinha sido cônsul português na Suécia e um dos encarregados de contratar pessoal para a fábrica de ferro de Ipanema. Nas obras do senador Vergueiro e do dr. Calógeras encontrou mais uns apontamentos que designavam Beyer como credor do diretor daquela fábrica e empreendendo a sua viagem com o fim exclusivo de cobrar a tal dívida. Não há dúvida que isso parece explicar o passeio do sr. Beyer, porém, pelo conhecimento que eu tenho dos costumes do meu país natal e do caráter dos meus patrícios, principalmente naquela época, tal explicação não estava de acordo e tanto me parecia isso verdade que, em conversa com o ilustrado consórcio dr. Alfredo de Toledo, eu lastimava ter-se escrito a respeito do sr. Beyer antes de obtidas as notas que eu esperava da Biblioteca Real da Suécia.

É, pois, com satisfação que tenho a honra de comunicar ao Instituto a chegada destas notas, pedindo licença para apresentar alguns dados autênticos sobre a vida e a posição social daquele Beyer que com tanta espontaneidade se mostrou ser, não somente um excelente amigo do Brasil e de São Paulo em particular, como até um verdadeiro entusiasta e propagandista como talvez antes dele poucos houve.

Extraído da *História dos médicos suecos*, de J. F. Saklen, Nykoepin 1823, págs. 518-523; suplementos de 1835, págs. 325-326 e de 1853, pág. 43:

O dr. Gustavo Beyer nasceu na cidade de Ystad em 19 de agosto de 1775, filho do médico municipal G.H. Beyer e sua esposa Magdalena Krutmeijer. Cedo foi ele iniciado nas ciências médicas e já em 1788 entrou ele para a Universidade de Lund. Em 1789 foi eleito sócio da Sociedade Cirúrgica e em 1792 foi nomeado sub-médico do real almirantado de Karlskrona, onde serviu durante as grandes preparações bélicas de 1793 e 1794. Em 1795, por ocasião do grande desastre da explosão do navio "Dygden", no porto Karlskrona, foi ele nomeado para tratar dos feridos e, no mesmo ano, o almirantado nomeou-o chefe da expedição médica para o imperador de Marrocos. Durante essa expedição teve ele ocasião de visitar e estudar os grandes hospitais e outras instituições, especialmente para a marinha, nos portos ingleses, franceses e italianos. Na Itália, viu ele as afamadas coleções de Fontana e em Tânger foi convidado para tratar do príncipe Mulay Ali e do favorito Kaidan Mahomet. De volta à Suécia em 1796 defendeu ele a sua primeira tese sobre "De controversa questione, an

(32) Os depoimentos de Vieira Fazenda e Oliveira Lima, aqui mencionados, estão publicados em anexo neste volume.

cor nervis careat?”. Af, continuou a servir no almirantado, até que em 1797 voltou à cidade de Lund, onde defendeu a sua segunda tese de doutorado, versando sobre “Aphorismi nonnulli de plethora vera”. Logo em seguida foi nomeado médico-chefe da esquadra que cruzava o mar do Norte e que durante três meses estacionou em Copenhague, onde, todos os dias Beyer visitava o Hospital Frederico. No outono do mesmo ano serviu na esquadra comandada pelo Conde de Wachtmeister que foi buscar a ex-rainha Frederica Dorothea Wilhelmina, de Pomerânia para Karlskrona, e em 2 de dezembro de 1798 recebeu o grau de Doutor em Medicina.

Desde o começo de 1798 freqüentou ele o Lazareto Seraphim, em Estocolmo, até que no mês de maio foi outra vez designado para seguir com a esquadra de exercício que primeiro ia fazer observações astronômicas e depois unir-se à esquadra inglesa do Comodoro Ommaney. Nessa ocasião visitou de novo Londres, onde ficou nos hospitais durante três meses, voltando para a Suécia na fragata “Ulla Ferren”.

Em 1800 pediu demissão do Almirantado e dirigiu-se para Estocolmo onde, em 1803, se tornou intendente das Águas Virtuosas de Sabbatsberg. O dr. Beyer foi o primeiro homem na Suécia que se vacinou e tornou-se por isso tão grande apologista e propagandista da vacina que em 1810 recebeu o prêmio máximo do governo para a vacinação e em 1813 recebeu a grande medalha de prata.

Desde 1801 era ele médico gratuito no Instituto Católico para crianças católicas pobres, que tinha sido organizado pelo abade Moretti e alguns membros do corpo diplomático da corte. Em 1806, acompanhou, como médico assistente, o príncipe herdeiro Gustavo e, logo depois, confiaram-lhe a assistência médica dos príncipes todos e da família dos príncipes de Brunswig. Em 1808, Sua Alteza o Príncipe-Regente de Portugal e do Brasil nomeou-o seu Cônsul-geral na Suécia e como tal foi reconhecido pelo rei da Suécia.

Em 1809 foi nomeado conselheiro da ordem de Wasa. No outono de 1812, munido das mais amplas recomendações do rei da Suécia e do príncipe-regente de Portugal, dirigiu-se o dr. Beyer para o Brasil com o fim de estabelecer relações comerciais entre o Brasil e a Suécia. Aqui, no Brasil, além do pequeno trabalho que publicou a respeito dessa viagem, fez ele bonitas coleções de minerais, de insetos e de caramujos, mas que se perdera por ter sido aprisionado pelos americanos o navio em que iam as coleções. Havia pendência entre a Inglaterra e os Estados Unidos.

Do Brasil seguiu Beyer num navio de guerra inglês, demorou alguns meses em Londres e chegou a Estocolmo de novo em novembro de

1813. Antes, porém, de publicar as suas impressões de viagem, já em 23 de abril de 1813 tinha ele enviado do Rio de Janeiro um trabalho para a repartição de Higiene em Estocolmo, em que trata das condições topográficas e sanitárias do Rio de Janeiro, trabalho este do qual o ilustre dr. Dahlgren teve a gentileza de juntar uma cópia e que oportunamente terei o prazer de traduzir para a revista do Instituto.<sup>33</sup>

Em Estocolmo o dr. Beyer continuou nas funções de cônsul-geral e encarregado dos negócios de Portugal e do Brasil até 1821, quando o ministro Cortez decretou que esses cargos deviam ser ocupados por um português nato. Em 1823, porém, o dr. Beyer foi reintegrado e conservou-se até o ano de 1833, sendo agraciado com a nomeação de cavaleiro da Ordem da Torre e Espada. Em 1835 teve de aceitar de novo o consulado geral de Portugal na Suécia e Noruega e em 1837 também o da Grécia e em 1839 o vice-consulado da França. Em 1845 recebeu as insígnias da Ordem do Salvador da Grécia com a Grã Cruz de Prata e em 1852, a 10 de junho, faleceu com a idade de 77 anos, ocupando ainda aqueles elevados cargos.

Confrontando agora estes dados com o trabalho que ele publicou sobre a viagem ao Brasil, forçoso é reconhecer que o dr. Beyer, além de homens ilustrado e cavaleiro distinto, deve ter sido uma pessoa de rara modéstia, pois em nem uma só linha de todo o seu trabalho, deixa ele transparecer que era formado, que vinha em missão especial ou que ocupava tão elevada posição social. Pelo contrário, soube abstrair a sua individualidade a ponto de ser mais tarde confundido com um simples turista ou "globe-trotter", sem destino nem fim especial.

(Rev. do Inst. Hist. Geogr. de São Paulo,  
vol. XIV, 71-76. São Paulo, 1912).

(33) Esta tradução vem mencionada na ata da sessão do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo do dia 5 de outubro de 1908: "O sr. dr. Alberto Loeffgren entrega uma tradução que fez de um artigo em sueco do ilustre viajante Gustavo Beyer, que em 1813 permaneceu no Rio de Janeiro, o qual, sobre assuntos de higiene, apresentou um relatório à repartição competente em Estocolmo" (Rev. do Instituto, vol. XIII, pág. 456). Todavia, o referido trabalho, que vem arrolado sob nº 4, no elenco dos escritos científicos de Beyer, elaborado pelo dr. Bjoerckmann, não chegou a ser publicado em nosso país.